

A Seca na Pauta do Jornal Nacional: Aspectos Históricos e Discursivos no Telejornalismo Brasileiro

ANDRÉA CRISTIANA SANTOS¹

Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Bahia

Resumo

Este artigo analisou o discurso telejornalístico em rede nacional sobre o período de estiagem prolongada que atingiu estados da região do semiárido, com a finalidade de problematizar que a cobertura a respeito da seca não é um acontecimento eventual, mas reflete vozes e sentidos construídos historicamente por diversos atores sociais, desde o Estado, o veículo de comunicação e as comunidades da região semiárida. Foi delimitado um *corpus* analítico, composto por matérias veiculadas pelo Jornal Nacional, nos meses de abril a junho de 2012, e uma reportagem do Fantástico, publicada em 1983. Verifica-se que o discurso telejornalístico é composto por variadas vozes que criam significados sobre a região, a cultura e um povo, oferecendo abordagens analíticas para se pensar o produto de massa. Identificou-se que o agendamento da seca ocupou o meio televisivo que, gradativamente, aprofundou o ângulo de abordagem, a fim de trazer maior diversidade temática, de fonte e de vozes, em uma perspectiva dialógica com os diversos atores sociais.

Palavras-chave: História do Jornalismo; Seca; Discurso Jornalístico; Cultura; Telejornalismo.

Abstract

This article analyzes the televised journalistic discourse about the period of prolonged drought that reached states in the semiarid region on national television, in order to problematize that coverage regarding drought is not an eventual event, but reflect voices and meanings historically constructed by different actors, from the State, the media and communities in the semiarid region. An analytical corpus comprising articles published by Jornal Nacional from April through June 2012 from was delimited, and a report by Fantástico, published in 1983. It appears that the television discourse is composed variety of voices that seek to create meanings about the region, culture and its people, offering analytical approaches to thinking about the mass product. It was identified that the scheduling of drought had occupied the television medium, which gradually deepened the angle of approach, aiming to bring greater thematic, of source and voices diversity in a dialogical perspective with the different social actors.

Keywords: History of Journalism; Dry; Journalistic Discourse; Culture; Telejournalism

Introdução

A paisagem formada por vegetação de pequeno porte, desfolhada, galhos secos, retorcidos; barragens com pouca ou quase nenhuma água; animais mortos ao longo da estrada; mulheres, homens e crianças que necessitam de água para beber, alimentar-se, cozinhar e garantir a sobrevivência dos

¹ Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professora Adjunta do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus Juazeiro-Ba. E-mail: andcsantos@uneb.br

animais. Essas imagens ocuparam por décadas o espaço do telejornalismo nacional, compondo parte do imaginário de uma região, conhecida como zona semiárida brasileira, atingida por período de estiagem prolongada, com baixo volume pluviométrico ou acesso insuficiente à oferta de água.

Esse conjunto de imagens foi se construindo a partir de contextos históricos delimitados e se disseminaram por meio dos variados dispositivosⁱ sociotécnicos - a literatura, o cinema, o telejornalismo - colaborando para construir processos de subjetivação (AGAMBEN, 2005) e reprodução de estereótipos a respeito do território nordestino. O fenômeno climático é considerado historicamente como um problema social, ocupando a agenda pública no jornalismo impresso e televisivo em decorrência do impacto social, uma vez que atinge parcela considerável da população brasileira.

Como o jornalismo é compreendido como um campo de conhecimento assentado no singular, como afirma Genro Filho (1989), este fenômeno social desperta a atenção dos produtores da notícia e constrói regimes de visibilidade e enunciabilidade. Em decorrência da importância de discutir a construção discursiva pelos telejornais sobre as regiões brasileiras, singularidades, particularidades e contextos específicosⁱⁱ, este artigo analisou o discurso telejornalístico sobre a seca no Jornal Nacional, um dos mais tradicionais telejornais do país, produzido e transmitido pela Rede Globo.

A problemática que fundamenta esta pesquisa é de que o acontecimento jornalístico seca não é apenas um evento, reflete uma trama discursiva, enunciada por vozes e sentidos construídos historicamente por diversos atores: o Estado, a instituição jornalística e os produtores de notícias, e as fontes testemunhais, comunidades que moram na região.

Essas vozes nos permitem identificar disputas políticas, econômicas e sociais que podem evidenciar aspectos culturais da identidade nacional. A produção do Jornal Nacional acaba por construir enunciados discursivos a respeito da população que habita em uma determinada região, bem como pode acionar novos sentidos a partir da enunciação discursiva construída por fontes dos movimentos sociais, evidenciando novos paradigmas e mudanças culturais na cobertura telejornalística.

Ao longo dos anos, assuntos de ordem política, econômica, cultural foram abordados pelo telejornalⁱⁱⁱ, contribuindo para a formação, difusão de identidade e de sentimentos nacionais (MARTIN-BARBERO; REY, 2001). A construção de significados de mundo se forma e se conforma pelo conjunto de códigos visuais tecidos e organizados pelas gramáticas tecnoperceptivas do rádio, do cinema e da televisão (MARTIN-BARBERO; REY, 2001). Assim, o telejornal se tornou uma forma de comunicação relevante no contexto da sociedade brasileira, com a utilização sistemática de seu potencial imagético para criar regimes de visibilidade para as questões sociais.

Para esta análise, foi constituído um *corpus* de sete matérias veiculadas no Jornal Nacional^{iv}, no período de abril a junho, de 2012. Também foi incorporada a reportagem produzida pelo Fantástico^v, em 1983, nesse *corpus* analítico. Selecionou-se este material porque os atos de enunciação e as referências imagéticas a respeito da seca, ocorrida no ano de 1983, permanecem como vestígios no discurso telejornalístico, evocando sentidos e imagens a respeito de aspectos sociais como a pobreza, escassez, religiosidade e migração de pessoas da zona rural para urbana.

Portanto, mesmo reconhecendo que o telejornalismo passou por modificações de linguagem, formatos e gêneros, analisar a cobertura telejornalística pode situar o leitor nas transformações da construção discursiva sobre o acontecimento jornalístico, bem como identificar elementos de permanência nos atos de enunciação. Na análise desse *corpus*, utilizamos o recorte metodológico baseado nos estudos da análise do discurso a partir das contribuições de Norman Fairclough (2001), Brandão (2004), Marcia Benetti (2007) e estudos culturais de Jesus Martín-Barbero (2008).

A análise do discurso foi utilizada para compreender os sentidos enunciados pelo discurso telejornalístico, identificando o movimento de força que é exterior e anterior ao texto (BENETTI, 2007, p 111). Esse movimento de força é constituído por uma trama complexa que advém da sociedade, cultura, da ideologia, forças políticas e de processo de produção da notícia. Desta forma, recorreu-se a Norman Fairclough (2001) que nos convoca a realizar análise crítica do telejornal como uma prática social, histórica e disponível à crítica dos

receptores ativos da mensagem. Esta prática não é apenas “de representação de mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCOULHG, 2001, p 91).

Foi realizada uma pesquisa qualitativa, com as seguintes etapas: 1ª) análise quantitativa do material audiovisual a partir da amostra, selecionando sete reportagens; 2ª) análise qualitativa considerando os sentidos e vozes presentes no discurso telejornalístico. A escrita do artigo traz a trama discursiva - vozes e sentidos - construída por diversos agentes como Estado, as organizações da sociedade civil e a comunidade da zona semiárida, com os quais podemos verificar a enunciação discursiva. A descrição foi uma escolha do pesquisador, mas evidencia as contradições do discurso e os sentidos implícitos e explícitos do discurso, ressaltando elementos da linguagem visual.

O artigo obedeceu a seguinte divisão: na primeira parte, situa-se as relações contextuais que fundamentam o discurso sobre a seca; na segunda parte, o discurso jornalístico construído por vozes e sentidos que evidenciam que o acontecimento não é uma trama eventual, mas uma teia discursiva construída historicamente por diversos atores sociais e as instituições jornalísticas; a terceira parte, discute as mudanças de enunciação e novos paradigmas para a cobertura sobre a seca, a partir da inclusão das vozes das organizações não-governamentais.

O discurso fundador da região Nordeste e Semiárida

A cobertura da seca nos meios de comunicação de massa é uma prática social discursiva, cuja trama tem relação com o desenho geográfico e cultural que se deseja construir da nação. O historiador Durval Albuquerque Junior (2001) problematizou os discursos fundadores que conformaram a região Nordeste, conhecida pela riqueza de sua cultura e pelos períodos de estiagem e seca.

As raízes desse discurso são encontradas na oposição Estados do Norte - como um território associado ao exótico, ao atraso socioeconômico, às calamidades públicas provocadas pelos períodos de estiagem - aos Estados do Sul, caracterizados pela pujança da modernidade econômica e cultural. Dessa forma, criou-se uma tradição de tomar o espaço como ponto de referência para

organizar o discurso sobre a região, de assimilar os costumes como nacionais e os das outras áreas como regionais (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2001, p. 42).

Para delimitação deste espaço territorial e geográfico, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na década de 1940, dividiu o país em cinco macro-regiões: Norte; Nordeste (Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte); Leste (Espírito Santo, Bahia e Sergipe); Sul (Distrito Federal, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul); Centro (Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás) (MARTINS, 2006, p. 172). A região Nordeste incorporou os estados do Maranhão e Piauí, na década de 1950; Bahia e Sergipe, em 1969.

A Contudo, o termo Nordeste apareceu, pela primeira vez, em 1919, para designar parte do Norte sujeita às estiagens e área de atuação da Inspeção Federal de Obras contra as Secas (IFOCs). Na década de 1920, intelectuais como Gilberto Freire e José Lins do Rego realizaram congressos para reivindicar a denominação Nordeste como representação de uma cultura, tradição e lutas históricas para se alcançar o desenvolvimento da região. Este discurso dos escritores regionalistas influenciou a produção e circulação de diversos produtos midiáticos como livros, reportagens, roteiros de cinema, produções audiovisuais e telejornalísticas a partir de uma teia discursiva alicerçada no combate à seca, a chamada indústria da seca; a luta contra o messianismo e o cangaço; e pelos conchavos das elites políticas para a manutenção de privilégios em nome de um desenvolvimento para o território (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2001).

Com o discurso de combate à estiagem, institucionalizou-se o termo “indústria da seca” com políticas compensatórias para combater a escassez de água e fomentou a criação de instâncias governamentais como criação de bancos públicos, como o Banco do Nordeste (BNB), e órgãos como a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Esse discurso está presente no texto telejornalístico quando constrói a trama discursiva a partir de formações discursivas como escassez, pobreza e o sentimento de resignação às adversidades do clima.

Nos últimos 25 anos, movimentos populares reivindicam uma outra ordem discursiva sobre a região semiárida. A partir de uma prática social junto com as

comunidades rurais e tecendo a crítica às políticas públicas compensatórias, organizações da sociedade civil incentivam a disseminação do discurso político da convivência com o semiárido.

O discurso da convivência está assentado no processo de “desconstrução dos significados de estereotípias e negatividade, solidificados sobre essa natureza, território, sociedade, cultura” (DOURADO, 2011, 69). A partir deste projeto, os sujeitos coletivos criam novas representações a respeito das práticas sociais e culturais assentadas em laços coletivos, comunitários e regionais no território, reivindicando novos significados para as “gentes do semiárido”.

Nesta abordagem discursiva, reivindicam-se tecnologias sociais que possam dar ao povo deste território condições de vencer as adversidades climáticas, gerar renda e modificar a realidade por meio de práticas de educação contextualizada para o território do semiárido. Pesquisas científicas no campo da educação e cultura são realizadas para demonstrar as potencialidades do semiárido, trazendo recorte propositivo. No campo do jornalismo, uma das inovações é o estímulo à prática de um Jornalismo Contextualizado com o Semiárido, a partir da programação de televisão universitária como o projeto *WebTv Uneb Juazeiro*^{vi} e *TV Caatinga*^{vii}.

Proposto pela pesquisadora Fabiola Santos (2018), o Jornalismo Contextualizado se propõe a romper com uma ordem discursiva construída a partir dos estereótipos de escassez e pobreza associados à região para demonstrar a multiplicidade de identidades presentes neste território nos espaços urbanos e rurais. Trata-se de produzir um novo regime de visibilidade e enunciação discursiva que procura divulgar experiências de convivência com as características climáticas e práticas educativas e culturais que trazem indícios das transformações neste território (SANTOS, 2018).

A partir de forças políticas que incentivam o projeto político da convivência com o semiárido, a Sudene criou normativas para considerar que uma cidade seja incluída no semiárido brasileiro, a saber: precipitação pluviométrica média anual igual ou inferior a 800 mm; índice de aridez de *Thornthwaite* igual ou inferior a 0,50, calculado pelo balanço hídrico relacionado às precipitações e

evapotranspiração; percentual diário de déficit hídrico igual ou superior a 60%, considerando todos os dias do ano (SUDENE, 2007).

Segundo o Instituto Nacional do Semiárido (INSA), a população residente no território é de 27.870.241 habitantes, conforme dados atualizados de 2020. Oficialmente, segundo a Resolução Nº 115, de 23 de novembro de 2017, o semiárido concentra 1.262 municípios, localizados nos nove estados da Região Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe) e Minas Gerais. Estas pessoas enfrentam problemas como a deficiente rede de infraestrutura de saneamento, pois apenas 35% dos domicílios rurais têm acesso à água encanada na zona rural, e o acesso aumentou somente 6,9% entre 2000 e 2010. Em contraposição, segundo a Fundação Getúlio Vargas, a renda no Nordeste cresceu 42% entre 2001 e 2009, e os moradores adquiriram bens de consumo e utensílios domésticos como geladeiras, antenas parabólicas e televisão^{viii}.

O ecossistema predominante na região é a caatinga, único bioma exclusivo do território brasileiro, com árvores e arbustos adaptados às condições climáticas da região. No tempo seco, as folhas caem, os troncos brancos e arbustos permanecem na paisagem (CORREIA et al., 2011); já no tempo de chuvas, a flora se apresenta verde, com variedade de plantas e flores. Este aspecto é importante ser ressaltado para se compreender como o discurso de escassez produzido pela mídia muitas vezes ignora as características deste ecossistema, reduzindo a região ao período de tempo seco e imagens de estereotipia sobre o território.

O discurso telejornalístico sobre a seca

Os acontecimentos produzidos pela mídia podem aproximar as pessoas da realidade de forma especial, podendo ser o local de “projeções sociais e dos conflitos que ainda não eclodiram” (ALSINA, 2009, p. 131). Essa percepção nos permite verificar o jornalismo de televisão como um lugar de referência, para o qual o cidadão, ao assistir os noticiários, se informa do mundo em uma relação que lhes garante conhecimento, tranquilidade e familiaridade em experiências comunitárias partilhadas (VIZEU, 2005).

A “seca” pelas características que lhe são próprias como fenômeno social atende aos critérios de noticiabilidade, pois os produtores da notícia constroem o texto jornalístico a partir de movimentos de força que são tanto exteriores e interiores. A estiagem prolongada é um fenômeno climático que possui comunicabilidade, pois são passíveis de se tornarem notícia e possibilitam acionar diversas vozes (ALSINA 2009); desde o Estado, a fonte especializada e a população.

Verificou-se que, no mês de abril de 2012, variados meios de comunicação traziam o tema no noticiário, como sendo a pior seca dos últimos 30 anos. Diante desse viés analítico, procurou-se investigar se, na internet, havia algum arquivo telejornalístico com a temática que pudesse trazer novos elementos ou confirmasse a denominação dada ao fenômeno social. Foi encontrada a reportagem Viúvas da Seca^{ix}, de João Batista Olivi, veiculada no Fantástico, no ano de 1983. Mesmo o programa tendo o formato de uma revista eletrônica, o gênero televisivo traz semelhança para analisar comparativamente a cobertura do Jornal Nacional.

A reportagem narrou a história de vida de mulheres abandonadas pelos maridos, que migraram para outras regiões em busca de trabalho. Muitas delas passavam fome, precisavam alimentar os filhos e trabalhar nas frentes de alistamento, especificamente na construção de açudes. Na abertura da reportagem, o Fantástico documentou a vida dessas mulheres - cujo discurso esteve assentado na imagem de corpos femininos esqueléticos -, como vítimas do flagelo da seca. O discurso telejornalístico é construído por atos de enunciação e, principalmente, imagens de mães que enterravam crianças, filhos com desnutrição e famílias sem segurança alimentar.

Essa escolha discursiva a respeito do impacto da estiagem nas comunidades não é aleatória, pretende-se um efeito de sentido - o apelo ao sensacionalismo - , no contexto das práticas sociais que as mulheres assumem nestas comunidades, como as provedoras do lar, enquanto os homens migram. Para Norman Fairclough (2001, p.93), “o discurso não resulta de um jogo livre de ideias na cabeça das pessoas, mas de uma prática social firmemente enraizada em estruturas materiais, concretas, orientando-se para elas”.

O discurso fundamentado na hibridização de gêneros entre a informação e o drama, assinalado pela trilha sonora, passa a construir um sistema de crenças sobre as pessoas que vivem neste território. O áudio coberto por imagens de crianças brincando de ciranda; planos em *close* de mulheres com rosto e corpo sofridos. Assim, o discurso telejornalístico utilizou das estratégias de dramatização para fixar o tema, provocar a comoção do telespectador e construir interdiscurso, pois posiciona a mulher em uma condição de fragilidade diante da situação crítica de escassez de água. O choro, o rosto sofrido, o desamparo visível na face e nas vestes criam significados de estereotipia associados ao flagelo humano.

A Mesmo distante do espaço temporal em que foi produzido no ano de 1983, o discurso telejornalístico retém a atenção e suscita uma análise crítica. Como exemplo da intertextualidade, o repórter recolheu o depoimento da senhora de 73 anos e questiona se ela tem condições de trabalhar nas frentes de alistamento, sob o sol, exigindo vigor físico. O questionamento do repórter denuncia a obviedade da resposta seca: “Não”.

O sentido construído pela trama discursiva evidencia que a instituição jornalística reproduziu práticas sociais relacionadas ao discurso da indústria da seca, as políticas compensatórias propostas pelo Estado, as quais reduzem as pessoas da região à resignação, à falta de oportunidades de trabalho. O discurso implícito é de que a idosa está abandonada a própria sorte, apoiado pelas marcas de enunciação do lamento. Assim, estas vozes testemunhais são marcadas pela ambiguidade informativa, pois o apelo ao drama faz com que o discurso semeie “confusão ali mesmo onde, sob a rubrica da informação, deveria haver ordem, coerência” (MACHADO, 2003).

O discurso deixou implícito o jogo de forças externas: a ausência do Estado que não provém o cidadão da proteção à vida, ao resguardo da velhice, ao alimento. Como diz Fairclough (2001, p.114), a intertextualidade está presente na capacidade que o texto tem de conter fragmentos, assimilar, contradizer, mobilizar, ecoar ironicamente outros elementos textuais que ajudarão na interpretação do receptor ativo. A dimensão do drama humano, fragmento capaz

de sensibilizar o telespectador que assiste, omite as forças do discurso político que não trazem soluções para resolver o problema.

A reportagem trouxe uma contribuição importante para o estudo ao compararmos as mudanças em vigor no discurso telejornalístico, como a captação de imagens, enquadramento da câmara, as interações das fontes e o contexto social e econômico que se modificaram. Porém, tal como em 1983, as marcas do discurso associadas à resignação do povo nordestino se repetem como um ato de enunciação permanente ao se referir à seca.

É o que podemos identificar na cobertura produzida no ano de 2012, pelo Jornal Nacional. O discurso foi construído a partir do agendamento da seca como “a pior seca dos últimos 30 anos”. Na reportagem “Mais de 500 municípios sofrem com seca no Nordeste”, produzida pela equipe do JN no Ar, veiculada em 24 de abril de 2012^x, a equipe abordou os efeitos da estiagem no Nordeste, com recorte para as cidades de Casa Nova e Irecê, na Bahia, estado com o maior número de municípios do semiárido atingidos pela seca.

O JN no Ar foi um quadro produzido pela equipe do Jornal Nacional, em 2010, que estreou com a cobertura das eleições. Uma equipe se deslocava com transporte aéreo para os locais onde ocorrem acontecimentos considerados de relevância nacional. É como se a equipe representasse o “olhar” onipresente da instituição telejornalística no cotidiano da vida das pessoas.

A vinheta com o “jato” reproduziu a ideia de deslocamento: do estúdio para os locais dos acontecimentos, simulando uma imediatividade. No avião havia a ilha de edição disponível para enviar o material com rapidez para todo o país. Geralmente, a equipe ficava apenas 24 horas no local dos acontecimentos, tempo presumido para a produção da reportagem. Contudo, pelas rotinas de produção do telejornalismo, temos ciência de que é necessário haver a produção da pauta, podendo ser feita com auxílio de afiliadas da Rede Globo.

A participação dos produtores locais poderia trazer uma nova ordem do discurso sobre a região, uma vez que eles interagem com fontes locais e conhecem a problemática da estiagem prolongada. Na reportagem, fica evidente a força enunciativa do quadro da instituição jornalística, com a cristalização de

embates históricos e sociais (BRANDÃO, 2020), a partir da perspectiva da repórter que se desloca da região Sudeste para o território semiárido.

Isto fica evidente na construção discursiva do texto e das imagens que estão associadas. A repórter reproduziu um cenário de um visitante que se deslocava para conhecer a triste realidade da seca no sertão baiano, recurso semelhante utilizado por João Batista Olivi, na reportagem do Fantástico. A abertura da matéria foi produzida com o deslocamento da equipe da cidade de Petrolina-PE, onde fica o aeroporto Nilo Coelho, para atravessar, de carro, o semiárido baiano, em Casa Nova (BA). A repórter procura despertar o telespectador para o cenário de contraste e traz a seguinte enunciação: “há água em abundância no caminho para retratar a seca”.

Neste trecho da reportagem, identifica-se que o discurso da repórter foi construído sobre o sentido implícito do estranhamento, do desconforto, da surpresa. Nesse sentido, é importante considerar que a repórter assumiu uma posição “determinada, de onde deve falar naquele contexto de produção. Isso quer dizer que o mesmo indivíduo, cindido em diversos sujeitos, move-se entre diversas posições de sujeito (BENETTI, 2008, p. 118). Neste caso específico, a repórter se posiciona como instituição jornalística e assumiu o *ethos* de um jornalista que segue os rituais de objetividade para descortinar a realidade, aparentemente homogênea, assinalada pelo texto em *off* e a expressão: “há água no caminho do sertão”. Neste ato de enunciação, está implícito o discurso intertextual construído historicamente pelos meios de comunicação e a literatura que associam a região aos signos do chão rachado, dos arbustos retorcidos, da escassez de água.

A referência aos meios de transporte - como o avião, o carro - denuncia que as marcas enunciantes do discurso configuram o estilo que a matéria assumirá: o do viajante que vai conhecer a outra realidade. Ao longo da matéria, a repórter se surpreende com a realidade imagética que se desvela diante de seus olhos de viajante e que reporta para o público: o homem que carrega água na bicicleta; o carro pipa que distribui água no povoado, a adolescente com o carro de mão em busca de água. Tudo parece inimaginável para o repórter. Mas

a imagem é parte da trama do discurso jornalístico, a imagem é uma das vozes implícitas que reforçam o enunciado de escassez, de território inóspito.

Como o texto audiovisual deve ser comunicado ao leitor, convocar o telespectador, se possível em uma perspectiva dialógica, a repórter recortou o real pelo viés do conflito. O texto em *off* da repórter evidenciou a disputa em busca da água. Um morador testemunha: "Não é todo dia que tem, tem dia que é obrigado a comprar". Sem intermediação do repórter, que não questiona porque a água não é distribuída com regularidade pelo poder público, a câmara se posiciona para uma outra fonte que afirma: "De vez em quando tem briga, discussão".

Verifica-se que as vozes presentes no discurso telejornalístico deixam subentendido que há algo fora do aceitável e o telejornal procurou se colocar como um mediador no sentido de trazer as causas do problema. A repórter informa que o açude construído para prover as famílias há 22 anos não tem água. O discurso telejornalístico evidencia a perda na produção agrícola, alicerçada pela fonte especializada, representando a agência de fomento agrícola, que atesta que a tendência, nos meses seguintes, é piorar a situação de escassez do recurso hídrico. Na metáfora usada pela repórter, são "dias de seca/tempo de escassez".

Como a voz do Estado ou das pessoas responsáveis por políticas públicas eficientes estão ausentes do discurso, a repórter mostra ao telespectador outra realidade possível no caminho do sertão - o que tem água e causou surpresa a jornalista. Em algumas áreas do município, surgem as plantações de fruticultura irrigada e as vinícolas produzem 22 mil toneladas de uva. No texto da repórter, um contraste impressionante: de um lado está a seca; do outro, a irrigação.

O discurso silenciou o motivo pelo qual a irrigação não atinge todo município nem beneficia toda a comunidade. Este é um interdiscurso, "uma entidade estrutural que subjaz aos eventos discursivos", como compreende Fairclough (2001, p.95). Não é o repórter-indivíduo que se posiciona no discurso, trata-se do jogo de dominação econômica e política que durante décadas associou a região à cultura do subdesenvolvimento.

O que a repórter quer demonstrar por meio do enunciado jornalístico é que a seca é parte do cotidiano, uma realidade quase imutável. “Tá faltando água há uns três anos. A barragem secou, acabou a água”, diz a moradora Dona Maria. O seu marido enfrenta a diversidade do clima, perfurando manualmente poços artesanais, cacimbas, de onde retira água para alimentar os bichos, cozinhar e beber.

O discurso telejornalístico reduz o problema de natureza social à ação de indivíduos isolados no sertão baiano, descobertos pela “repórter-turista” que visita a região. A fonte, moradora da comunidade, evoca o apelo à religiosidade no último ato de enunciação: “a vida da gente é muito sofrida aqui. Que Deus mande chuva para melhorar as coisas pra gente”, conta o homem.

Tal como na reportagem do Fantástico que trouxe o apelo ao divino, o discurso produzido pela instituição jornalística é uma prática social, cujo texto-imagem telejornalístico é produzido de forma particular no contexto específico e para ser consumido (FAIRCLOUGH, 2001, p.107). Neste caso o público consumidor de regiões do país, consideradas prósperas, em contraposição ao território nordestino, marcado pela seca, escassez. No encerramento da matéria, a imagem é cortada para a repórter no aeroporto que transmite a nota do Governo do Estado da Bahia, informando que foram solicitadas verbas para construir adutoras, mas ainda não há recursos. O enunciado jornalístico se resumiu às informações fragmentadas. O repórter-viajante, que conheceu as mazelas do sertão, retornava para sua feliz residência.

Outras vozes possíveis no discurso telejornalístico

No *corpus* desse trabalho, verificou-se que houve consonância temática por semanas seguintes no Jornal Nacional sobre a estiagem, nota-se, contudo, que cada reportagem aprofundava informações anteriores, preenchendo lacunas. O discurso telejornalístico foi se modificando a partir do trabalho coletivo do chefe de reportagem, produtores, repórteres e editores que perceberam as lacunas existentes e, gradativamente, tentaram construir uma pauta mais plural sobre o tema. Infere-se que a equipe de redação parece ter consciência da importância

de mapear o estado da seca nos estados, não reduzindo o território ao rural, marca enunciativa historicamente presente em livros didáticos, filmes, novelas.

No dia 12 de maio, foi veiculada a matéria “Sertanejos se unem contra a pior seca do Nordeste em 30 anos”^{xi}, com depoimentos de famílias sergipanas. Neste escopo analítico, a ênfase é dada as redes de solidariedade para enfrentar, como diz a repórter, “os sacrifícios impostos pela seca”. A cisterna, uma tecnologia social para armazenar água e garantir o acesso permanente, é demonstrada. O entrevistado evoca o espírito comunitário para construir cisternas: “Nós ajudamos uns aos outros porque em parceria tudo sai sempre melhor. Se depender de um só, fica mais difícil lutar. Dois ou três juntos resolvem o problema melhor”.

Esta matéria assinala um outro posicionamento das fontes, elas não são reduzidas à condição de sujeitos dependentes das adversidades do clima nem ao sistema de crença religioso. As redes de solidariedade são lemas do discurso político da convivência com o semiárido e estão presentes intertextualmente na trama da enunciação discursiva. A imagem da cisterna produz um efeito de sentido de mudança e transformação por meio da tecnologia.

A mudança do discurso telejornalístico ocorreu no dia 24 de maio de 2012, na edição do Jornal Nacional, com a chamada para um “trabalho coletivo de reportagem” feito pelos repórteres Michelle Rincon, Beatriz Castro e Amorim Neto^{xii}. Com tempo de seis minutos, a matéria apresenta depoimentos de moradores, fontes institucionais (poder público municipal), infográficos com informação técnica sobre qualidade da água nos açudes em Cedros, na divisa dos estados de Pernambuco e Ceará; dados econômicos da perda de produção da bacia leiteira em Pernambuco e de produção de castanha de caju no Rio Grande do Norte. É um trabalho coletivo em que três jornalistas, moradores da região Nordeste, e outros atores sociais interagem para produzir jornalismo e demonstrar a complexidade da temática da seca.

A primeira mudança significativa na ordem do discurso é de que a seca não produz efeitos exclusivamente no semiárido rural, mas nas comunidades urbanas. A questão temática foi contextualizada a partir do singular para o particular, como defende Adelmo Genro Filho (1989), desde o relato da senhora

que não tem acesso à água de qualidade à contaminação nos açudes causada por algas que liberam substâncias tóxicas e ameaçam o direito à saúde, demonstrada com recursos de infográficos.

O discurso foi construído a partir da prática social, da vivência, ao sistema de crença científico, ao demonstrar a contaminação dos açudes. Não é apenas a força exterior climática que produz efeito, mas há outras disputas simbólicas, que requer conhecimento técnico-científico para entender a baixa oferta de água para consumo humano.

Na reportagem, o particular (contexto) se refere à diversidade das perdas econômicas: do gado à produção da castanha. Assim, o discurso é construído a partir da imagem de progresso econômico, que, por ora, sofre os impactos da insuficiente precipitação de chuvas.

O discurso telejornalístico usa de esquemas de interpretação, ângulos pré-determinados, enquadramentos e tipificações, nas quais o caráter de novidade reitera discursos históricos sobre a região. Contudo, apesar da permanência de alguns elementos, há perspectivas de um novo discurso mais coerente com as novas formas de sociabilidade no território.

Um exemplo é a reportagem Tecnologias ajudam agricultores durante a seca no Nordeste^{xiii}, na qual se identificou a emergência discursiva dos movimentos sociais que reivindicam uma visibilidade para a zona semiárida a partir das políticas públicas defendidas pelos atores e instituições que compartilham o princípio da convivência com o semiárido. Isto se torna evidente pela disseminação das tecnologias que procuram fixar o homem no campo e criam condições de sobrevivência com dignidade e ciente das adversidades climáticas do território.

Com recursos de infográficos, tecnologias como cultivo agrícola orgânico, canteiros econômicos que aproveitam de forma racional a água, barragem subterrâneas e plantas forrageiras para alimentação dos animais foram apresentadas ao telespectador, cujo enunciado jornalístico produzido pelo texto em *off* do repórter evidencia as potencialidades de vencer a seca com a tecnologia.

Este discurso construído pelo repórter marca uma nova prática jornalística no modo como “as gentes do semiárido” devem ser retratadas, pois assinala que há processos mais amplos de mudança cultural. Fairclough (2001) considera que a “intertextualidade toma os textos historicamente, transformando o passado - convenções existentes e textos prévios - no presente”, ocorrendo, por vezes, de forma normativa.

O discurso sobre a região Nordeste e as zonas semiáridas se tornaram historicamente uma convenção, uma rotina naturalizada sob a estereotipia do atraso. Fez-se necessário que novos atores sociais pudessem ter direito à enunciação para que mudanças pudessem ocorrer. O depoimento do lavrador Luiz, na matéria, confirma que o acesso às tecnologias antecipa uma nova forma de gerir os recursos naturais: “vivo no céu, graças a Deus. Vivo bem tranquilo. Depois dessas tecnologias, não existiu mais seca para mim”.

O fio condutor que norteia as narrativas telejornalísticas assentadas na força do sertanejo ganha um outro posicionamento nesta reportagem. O ato de fala do lavrador Luiz representa o sujeito autônomo, cuja representação foi negada historicamente pelas configurações discursivas do campo da literatura, discursos oficiais e dos meios de comunicação que reduziam o território nordestino e o semiárido ao signo de escassez, pobreza e a inevitabilidade da seca.

Considerações Finais

Após a análise do discurso telejornalístico, identifica-se que o acontecimento jornalístico ganhou novos regimes de visibilidade e enunciação a partir da influência de diversos atores sociais. No início fragmentado, disperso, o discurso do telejornal ganhou complexidade para abordar a complexa trama do real.

Padrões técnicos de qualidade no jornalismo começaram a operar para que o acontecimento jornalístico ganhasse uma angulação mais diversificada, seja no uso de recursos visuais, na estética das imagens, nos depoimentos com as fontes, retratadas na sua complexidade e nos seus jogos de interesse econômicos, sociais e políticos. A seca deixou de ser um tema restrito às comunidades rurais para ser um problema do semiárido urbano.

Embora o discurso do telejornal utilize de significados históricos associados ao sertanejo como um homem resignado, que apela para o divino, constata-se que, progressivamente, a imagem da população foi representada por pessoas que produzem, utilizam tecnologias acessíveis e lutam para vencer as adversidades do clima. As fontes não são meros consumidores de informação, algumas delas evidenciam atos de fala e marcas de enunciação com autonomia, pois a enunciação contradiz o sentimento de resignação ao apelo divino, como demonstrado nas matérias sobre novas tecnologias no semiárido.

A partir deste recorte analítico, com base nas matérias do ano de 2012, antevemos que o discurso telejornalístico começou a incorporar os processos de mudança cultural e transformação no território semiárido. Demonstra-se que há condições de usar tecnologias sociais para permanência das “gentes do semiárido” com dignidade no território, cultivando a terra, produzindo cultura e construindo redes de solidariedade, mesmo reconhecendo a seca como um problema social. Essa visibilidade passou pela construção de uma prática social discursiva que não resume o território a uma terra do atraso, mas como um lugar de produção, pautado pelo discurso de convivência com o semiárido. Isto está presente nas matérias que ressaltam o armazenamento de águas nas cisternas - água purificada, saudável - e de tecnologias sociais que garantam qualidade de vida para agricultores tanto no ambiente urbano como rural.

Outras mudanças significativas ocorreram como a denominação, em rede nacional, do território nordestino. Na edição do dia 2 de julho, de 2012, o Jornal Nacional, pela primeira vez, identificou a região que sofre com a estiagem prolongada como zona semiárida, e não apenas Nordeste, e abordou tecnologias sociais como os dessalinizadores de água. Isto assinala uma nova ordem do discurso relacionada ao agendamento da cobertura da seca, pois se trata de um fenômeno social complexo, o qual deve ser abordado pelo ângulo da informação qualificada, da diversidade de vozes e de sentido e com viés crítico. Na prática social das “gentes do semiárido”, não há mais espaço para um discurso alusivo e recorrente à estereotipia do atraso, da falta, da escassez e de subalternidade.

Referências

AGAMBEN, G. **O que é um dispositivo**. In: Outra Travessia. UFSC. Santa Catarina. No.5. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743>. Acesso em 15 de Janeiro de 2021.

ALBUQUERQUE, JÚNIOR, D. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª ed. Recife: FNJ. Ed. Massangana: São Paulo: Cortez, 2001.

ALSINA, M. **A construção da notícia**. Petropolis, RJ. Vozes. 2009.

BENETTI, M. **Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos**. In: BRANDÃO, Helena. Introdução à análise do discurso. Campinas: Unicamp, 1994.

BRASIL, A. **Telejornalismo imaginário: memórias, estudos e reflexões sobre o papel da imagem nos noticiários de TV**. Florianópolis: Editora Insular, 2012. LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. Metodologia de Pesquisa em Jornalismo (orgs.) - 2ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2008.

CORREIA, R.C.; KIILL, L.H.P.; MOURA, M.S.B.; CUNHA, T. J. F.; JESUS JÚNIOR, L. A.; ARAÚJO, J. L. P. **A região semiárida brasileira**: In: VOLTOLINI, T.V. (Ed). Produção de caprinos e ovinos no Semiárido. Petrolina. Embrapa Semiárido, 2011.

DOURADO, L. **Um sentido de pertencimento ao território semiárido brasileiro: a resignificação da territorialidade sertaneja pela convivência**. In: Revista de Geografia, UFPE. Recife. V. 28, No. 2, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/228949/23359>>. Acesso em 2 dez. 2019.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília, UNB, 2001.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre. Ortiz. 1989.

MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. 3. ed. São Paulo: Senac, 2003.

MARTÍN-BARBERO, J.; REY, G. **Os Exercícios do Ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo, SENAC São Paulo, 2001.

MARTINS, J. S. **Tecendo a Rede: Notícias Críticas do Trabalho de Descolonização Curricular no Semi-Árido Brasileiro e outras excedências**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade federal da Bahia, 2006.

PEREIRA JÚNIOR, A. V. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Calandra, 2005.

SANTOS, F. M. R. **O sertão que a TV não vê: o jornalismo contextualizado com o semiárido.** Teresina: Edufpi, 2018.

TRAQUINA, N. **Teoria do Jornalismo: porque as notícias são como são.** Florianópolis. Insular, 2004.

BENETTI, M. **Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos.** In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo* (orgs.) - 2ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2008.

ⁱ Considerou-se o conceito de dispositivo como tudo que é capaz de “orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos” (AGAMBEN, 2005, p.13).

ⁱⁱ Como professora e pesquisadora situada na região semiárida nordestina, a intenção é reunir dados para fazer uma análise de como a mídia produz uma memória sobre o território a partir da circulação de imagens e discursos sobre a seca. O primeiro estudo realizado foi, em 2008, a partir da orientação do Trabalho de Conclusão de Curso, De Juazeiro para o Brasil: representações telejornalísticas em rede nacional, produzido por Lucilene da Silva Santos.

ⁱⁱⁱ Criado em 1969, o Jornal Nacional faz a cobertura das principais notícias e atua como um serviço de notícias integrado em rede, tornando-se o principal telejornal brasileiro, como referencia o Memória Globo. Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/>. Acesso: 20 de Agosto de 2020.

^{iv} A coleta de dados foi realizada no site da Globo e *Youtube*, pela facilidade de baixar os arquivos sonoros

^v A reportagem foi coletada na plataforma *Youtube*

^{vi} A programação pode ser encontrada no endereço <http://www.webtvjuazeiro.uneb.br/>, especificamente se destaca o programa Coisas do Sertão, e a vasta produção audiovisual de curtas e reportagens, produzidas por estudantes de Jornalismo em Multimeios, da Universidade do Estado da Bahia.

^{vii} A TV Caatinga está vinculada a estrutura da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), produz e distribui conteúdos sobre a região semiárida para canais educativos como o Canal Futura. A programação pode ser encontrada no link <http://www.rtvcaatinga.univasf.edu.br/>.

^{viii} Os dados sobre renda e consumo foram obtidos na reportagem “Sertanejo tem máquina de lavar, só que falta água”, da Folha de São Paulo. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/39977-sertanejo-tem-maquina-de-lavar-so-que-falta-agua.shtml?origin=uol>. Acesso em 11 de maio de 2021.

^{ix} A reportagem de João Batista Olivi foi encontrada na plataforma *Youtube*, disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=tp0G48qaSBI>. Acesso em 24 de abril de 2020.

^x Matéria disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/04/mais-de-500-municipios-sofrem-com-seca-no-nordeste.html>. Acesso em 6 de maio de 2020.

^{xi} Conferir reportagem “Sertanejos se unem na pior seca do Nordeste em 30 anos”, veiculada na edição de 12 de maio de 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/05/sertanejos-se-unem-na-luta-contr-pior-seca-do-nordeste-em-30-anos.html>. Acesso em 5 de maio de 2020.

^{xii} Ver reportagem “Região Nordeste sofre com maior estiagem dos últimos 40 anos”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/05/regiao-nordeste-sofre-com-maior-estiagem-dos-ultimos-40-ano.html>.

Acesso em 11 de maio de 2021.

^{xiii} Ver reportagem “Tecnologias ajudam agricultores durante seca no Nordeste”, disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/05/tecnologias-ajudam-agricultores-durante-seca-no-nordeste.html>. Acesso em 12 de maio de 2020.

Recebido em 25/01/2021

Aprovado em 17/03/2021